

IMPORTADOS

Depois do tumulto, a calmaria

DF - Comércio

Um dia após o confronto entre policiais civis da Divisão de Operações Especiais (DOE) e os comerciantes da Feira dos Importados, a rotina voltou ao normal. Os clientes não deixaram de ir às compras, os ambulantes estavam em seus respectivos lugares e as vitrines consideradas irregulares por ultrapassar o limite permitido pela Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa) também permaneciam no local.

A diferença para um fim de semana normal estava apenas no barulho insistente das estantes de vidro sendo montadas e alguns montes de cacos espalhados pelo chão. Passava das 10h30 e algumas bancas ainda não tinham iniciado as atividades. Muitos comerciantes — especialmente aqueles instalados no corredor externo do Bloco D, palco do tumulto do dia anterior — só puderam trabalhar depois de remontar as vitrines, limpar os cacos e colocar a mercadoria no lugar.

Prejuízo

Responsável por quatro barracas de computadores e acessórios de informática, Lúcio Duarte calcula que teve um prejuízo de pelo menos R\$ 15 mil com a perda de vendas. Em uma de suas maiores lojas, localizada no corredor onde aconteceu a confusão, os funcionários ainda tentavam colocar todas as coisas em ordem ontem pela manhã. Só depois puderam trabalhar. "Na hora, mandei desmontar as vitrines e fechar todas as lojas. Aí não pudemos mais vender", relembra o empresário que, em cinco anos de negócio na feira, garante nunca ter visto caso semelhante de violência.

Bastava ouvir um pouco mais atentamente a conversa dos feirantes para notar que o confronto de sexta-feira ainda era o assunto do dia. "Jogamos mesmo pedra na polícia. Colocamos eles para correr", contava um comerciante. "Eles dizem que só se defenderam, mas na verdade foi o contrário: foram violentos primeiro", dizia outro. A clientela nem parecia se incomodar. As barracas e corredores da Feira dos Importados amanheceraam cheios. Gente que só estava preocupada mesmo em fazer suas compras.